

RITOS AQUÁTICOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS RITOS CRISTÃOS DE INICIAÇÃO¹

por Fábio Py Murta de Almeida²

Resumo: O presente artigo busca salientar o conteúdo libertador encontrado na narrativa de formação do bairro Fonseca em Niterói e a narrativa batismal de Jesus, encontrada no início do livro de Mateus (3.13-17).

Palavras-chave: Jesus, Fonseca, água, rito e libertação.

Abstract: This article aims to highlight the liberator content found in the narrative's training in district Fonseca and baptismal narrative of Jesus found at the beginning of the book of Matthew (3.13-17).

Keywords: Jesus, Fonseca, water, ritual and release.

Não se trata aqui de 'influências' ou repetição de símbolos obtidos de outras tradições, porque tais símbolos são arquetípicos e universais. Eles revelam a situação do ser humano no cosmos, valorizando ao mesmo tempo a sua posição perante a divindade (a realidade absoluta) e perante a história. O simbolismo das águas é o produto da intuição do cosmos como unidade e do ser humano como um modo específico de existência, que se realiza através da 'história'. (Eliade, 2001, p. 242)

Uma comunidade no interior do Rio de Janeiro

No meio das casas e dos poucos prédios, no topo do morro e na cidade iniciou-se no Rio de Janeiro uma comunidade, em termos

¹ O presente texto fez parte de uma reflexão desenvolvida em janeiro de 2008, junto à Paróquia Luterana Esperança, em Icaraí/Niterói. Ele, posteriormente, tornou-se uma comunicação de abertura do ano letivo do Seminário Teológico Batista de Niterói, que ocorreu em fevereiro de 2009, na capela do Seminário Teológico Batista do Niterói. Agradecemos aos alunos e alunas pelos comentários e pela ajuda fraternal.

² Fábio Py Murta de Almeida é mestre em Ciências da Religião e professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Contato: pymurta@gmail.com.

gerais formada por retirantes do Nordeste, que trabalhavam próximo às suas casas de madeira e de papel. Bem no início era apenas um punhado de famílias imigrantes, mas em pouco tempo chegaram à casa das centenas. Assim se iniciou uma comunidade carente como tantas outras hoje espalhadas no Rio de Janeiro.³

Esse grupo era formado de empregados de baixo salário, gente que precisava morar perto do trabalho, ou por pessoas que não tinham emprego, que viviam lá, por ser perto dos centros e das “oportunidades”. Mas, mesmo morando perto do trabalho, um detalhe lhes faltava: água. Pegavam água num ponto do Rio que ficava longe, água que não era de boa qualidade. Por isso, nenhuma casa, e muito menos qualquer tipo de comércio, poderia se firmar no morro. Nesse detalhe, compreendemos que sem água o homem não pode se fixar por muito tempo, já que ela é um dos componentes básicos para o estabelecimento de uma comunidade estável. Ora, sem água aqueles moradores fatalmente teriam que tempos depois sair da região, até porque em breve viriam as chuvas, que prejudicam as andanças, além de deixarem mais sujo o local do recolhimento da água (cf. Ambrosini, 1999, pp. 45-49).

Um detalhe chamava a atenção: no bairro havia poucas comunidades religiosas, pois as missões localizavam-se nas comunidades mais populosas, e lá era apenas um bairro “dormitório” – onde seus habitantes viviam em função da cidade.

³ Todo este relato inicial é uma adaptação do relato da formação religiosa do bairro Fonseca, em Niterói, Rio de Janeiro, retirada da leitura católica de Kumonn Ambrosini (1999, pp. 31-45).

Enfim, lá não havia fábricas, e os colégios se concentravam no centro da cidade e em suas proximidades.

Assim, por conta da água ocorre a primeira reunião de moradores da comunidade, em que eles buscam articular-se para trazer uma igreja cristã que ocupe o morro – local normalmente usado pelos religiosos para retiros, jejuns, devoção e orações. Até então, o quadro religioso dos moradores se dividia entre os de tradição indígena, e os afro-descendentes – ligados aos ritos dos ancestrais africanos (cf. *Ibidem*, pp. 30-33).

Os moradores decidiram fazer um convite a alguns sacerdotes cristãos recém-ordenados para começarem um projeto de igreja no meio da comunidade. Assim, em médio prazo, a água chegaria. Tudo ocorreu mais rápido do que se esperava. Logo os religiosos construíram uma igreja, atendendo as vontades daqueles moradores que buscavam fixar-se na região.

No dia da abertura da igreja a festa tomou conta do morro. É que alguns líderes da comunidade iriam tomar um banho comunitário, um batismo. Era um ato simbólico que ao mesmo tempo os lavava e os aderiu à tradição cristã, um momento marcante para a localidade. O batismo formalizava a criação da comunidade (cf. Eliade, 1998, pp. 111-116). No caso, a água puxada pela igreja irrigava toda a região composta pelos moradores sofridos, fazendo com que eles agora tivessem condições de vida (cf. Ambrosini, 1999, pp. 31-47).



Uma sociologia do relato cristão

A imersão equivale, no plano humano, à morte; e no plano cósmico, à catástrofe (o dilúvio) que dissolve periodicamente o mundo no oceano primordial. Desintegrando toda forma e abolindo toda a história, as águas possuem esta virtude de purificação, regeneração e nascimento; porque aquilo que é mergulhado nela 'morre' e, erguendo-se das águas, é semelhante a uma criança sem pecados e sem história, capaz de receber uma nova revelação e de começar uma nova vida 'limpa'. (Eliade, 1998, p. 238)

Deixando de lado a narrativa sobre a gênese religiosa do bairro Fonseca, esta narrativa nos lembra do texto de Mateus 3.13-17 – fragmento no qual se destaca o valor ritual da água.⁴ Água, que só era encontrada na Palestina indo-se direto ao rio. Para ter acesso à água, Jesus percorre uma distância considerável, da Galileia até o Jordão. Somente desta forma poderia se banhar com água boa e pura. Lembramos que naquela época não eram tão comuns as migrações, como no judaísmo antigo. O homem palestino já havia se fixado, mas mesmo com as tubulações

⁴ Uma indicação da temática deste texto no Novo Testamento, vide Raymond Bronw, *Introdução ao Novo Testamento* (2004). Agora, as raízes deste artigo têm relação com a pesquisa de Marcel Detienne – *Comparar o incomparável* (2004) – quando salienta que pode haver uma comparação entre as sociedades antigas, com as modernas – sociedades mais complexas. Em resumo a proposta de Marcel Detienne visa a colocar em perspectiva as diferenças e as relações temáticas, buscando afastar a “hierarquização de culturas e sociedades, de níveis de realidades estanques ou de supremacia de um domínio sobre o outro, pois existem diversas redes de imbricações, quando se trata de fenômenos sociais, que não são necessariamente lineares, causais e evolutivas”. Então, ao compararmos a sociedade palestina do 1º século d.C., com a do início do século passado no Rio de Janeiro, buscamos colocar em ‘perspectivas’ o ‘micro’ destas sociedades, isto é, seus textos e relatos, sem nos preocuparmos com as fronteiras de tempo e do espaço. “Isto porque, ao colocar em comparação várias experiências, produzem-se freqüentemente espaços de inteligibilidade e de reflexão nova” – nessa nota de rodapé se fez uma adaptação dos fragmentos do artigo *História comparada: olhares plurais* (Theml e Bustamante, 2007, pp. 1-23).

melhoradas pelo Império Romano a água era rara e ruim nas regiões distantes (cf. Jeremias, 1983, pp. 34-79).

O acesso à água deve ter sido um dos fatores que levaram Jesus a migrar ao Jordão, mas não deve ter sido o único fator. Fora até o rio para poder com João, em nome da “justiça” (v. 16), submeter-se a uma tradição marginal farisaica.⁵ Ao ir ao encontro de João, tinha em vista dignificar sua submissão religiosa – como fizeram os moradores ao se unirem à religião cristã com a chegada da água.

Interessante que o movimento de João buscara um rio limpo de boa água, como era o rio da Babilônia, para re-memorizar o passado quando seus antepassados judeus (no exílio) às margens do rio cantaram a criação do mundo (cf. Maier, 2005, pp. 163-195). Então, os judeus exilados, o povo farisaico e os moradores da comunidade carente no Rio de Janeiro se identificam em meio à espoliação. Pensam saídas, em meio à carência de água, para sobreviverem em seu exílio particular.

No caso dos judeus à margem do rio, um vento forte acalentava seus lamentos. Com ele, criam esperança e expressam seu protesto ao entoar as melodias de como o divino os tinha criado. Para eles, o próprio vento se fazia como consolo diante da opressão. Por isso, este vento fora reconhecido como o consolo do sagrado (Mateus 3.15) – consolador das dores do Mundo. Ele, que anima religiosos em meio às arranhaduras opressoras.

⁵ Sobre a questão dos partidos políticos nos tempos de Jesus ver Jeremias, 1983, pp. 34-79, e ainda, de forma mais detalhada Maier, 2005, pp.163-199.



Agora, um detalhe em relação a Mateus 3.13-17 e a João Batista. Neste fragmento dá mostras de ousadia farisaica ao bagunçar a criação judaica. Ao levar Jesus para o rio, ficando ele entre o frescor da água e o “espírito” (como vento) que pairava como uma pomba (v. 16), João mergulha Jesus nas águas, confundindo água e espírito (vento) no mergulho. Mergulho na água que o limpa do sangue e das escoriações (chibatadas, cuspidas e socos) que o cobriam pela rebeldia ao Império Romano (cf. Otermann, 2008, pp. 98-107).

A água limpa Jesus de uma via dolorosa pela qual passara até chegar ao Jordão. Depois do mergulho na água fresca, quando se levanta, o sagrado o refresca na forma de vento. Neste exato momento, celebra-se seu projeto de rebelde-religioso vinculado à tradição farisaica de João Batista (cf. Jeremias, 1983, pp. 34-79). Ora, os ritos, como o batismo, podem ser gestos públicos de fé e de protesto. Nele, ao mesmo tempo se dá mostra de esperança, e denúncia numa celebração à espoliação vivida. Claro, o dado do protesto impregna esta perícopé bíblica, pois as vítimas da espoliação romana mostram que se precisava apenas de banho para se livrar do sangue das chibatadas, das excreções das cuspidas e socos dos soldados romanos (Horsley e Hanson, 1995).

A sociologia da narrativa cristã parece ter aproximações com o que ocorreu na comunidade do Rio de Janeiro. Ao se resolver a questão da água com a ajuda de uma tradição religiosa, a encenação do batismo público dos líderes familiares dá mostras de que estão tirando de sobre si a sujeira, as doenças e a humilhação

em que viviam constantemente à mercê dos trabalhos forçados, da repressão policial e dos cidadãos opressores.

Comparações e similaridades: explicitações

Estudar paralelamente sociedades vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras, sujeitas em seu desenvolvimento, devido a sua proximidade e a sua sincronização, à ação das mesmas grandes causas, e remontando, ao menos parcialmente, a uma origem comum. (Bloch, 1928, p.19)

Os membros da comunidade no Fonseca se motivaram num gesto parecido com o cristão. Foram para “as águas” com vontade digna de terem condições de seguir cada qual sua vida justamente. Este parece ser o foco do ritual encenado por João para Jesus. Encenação palestina, que se permite força, protesto e renovo ao repensar a criação judaica nos tempos do exílio patrocinado por Roma.

Dessa forma Jesus se limpara, mostrando sua relação com o caminho de protesto de João. Com a encenação ele incentiva os explorados pelo Império e os oprimidos em geral a se unirem em um novo projeto (que tem até uma relação com os antepassados), mas que visa, sobretudo, aos tons da libertação dos povos. Ora, o caminho de libertação fluido na religião de Jesus Cristo passa pela consciência de que a nova empreitada deve ter um marco, ou, como se diz, um rito. Rito, que é um dos elementos que realça os traços terrenos e humanos da religião (cf. Eliade, 1998).



Por fim, que cada religião e/ou fenômeno religioso possa estar apontando novos caminhos (opções) sempre em nossas vidas. Caminhos que não compactuem com a opressão, mas que se ela existir, que sejam protestos pela sua própria vitalidade. Enfim, que nesse bojo se seja nova-criatura, que até percebam o passado, mas que, pelos ritos, que se possa aprender a lutar dia a dia contra a miséria humana e contra a degradação imperialista.

Que a expressão terrena do sagrado nos mostre a não nos conformar com a vida, mas dê indicativos das novas saídas para o processo mundial de degradação social.

Referências bibliográficas

- AMBROSINI, K. (1987), *Fonseca: sobre relatos iniciais*. (textos digitados)
Niterói: Biblioteca central de Niterói.
- BRONW, R. E. (2004), *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas (coleção Bíblia e História).
- DETIENNE, M. (2004), *Comparar o incomparável*. Aparecida: Idéias e Letras.
- ELIADE, M. (1998), *Tratado de História das Religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2001), *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. (1995), *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus.
- JEREMIAS, J. (1983), *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas.
- MAIER, J. (2005), *Entre os dois Testamentos: história e religião na época do SegundoTemplo*. São Paulo: Loyola.

- MAÇANEIRO, M. (2004), *A água nas religiões*. Documento da Convenção Nacional dos Bispos do Brasil.
- OTERMANN, M. (2008), *Jesus e as mães de Israel: ou como Maria de Nazaré chegou a ser mãe em Israel*. In: Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 99, 2008, pp. 98-107.
- SCHWANTES, M. (2001), *Projetos de esperança: meditações a partir de Gênesis 1-11*. São Paulo: Paulinas.
- THEML, N.; BUSCAMANTE, R. M. (2007), *História comparada: olhares plurais*. In: Revista de História Comparada, v. 1, n. 1. Junho de 2007, pp. 1-23.

